

Equilíbrio nos animais de argola

Apesar do recuo de 3,5% no número de animais de argola inscritos na Expointer – 4.758 nesta edição ante os 4.932 em 2014 – o incremento na participação de algumas raças ajudou a equilibrar o número frente a um cenário de instabilidade financeira.

É o caso dos ovinos da White Dorper, raça que no ano passado inscreveu sete animais e nesta edição, 82 exemplares. O reforço deve-se à participação de cabanhas de São Paulo na feira. A raça Suffolk também ampliou a presença com a inscrição de 101 animais, representando crescimento de 57% – em 2014 foram 64. Entre os zebuínos, destaque para a estreia da raça Sindy, que pela primeira vez estará presente na Expointer com 27 animais. Os caprinos tiveram leve crescimento, passando de 62 exemplares no ano passado para 80 nesta edição. Da mesma forma, os coelhos, espécie que em 2014 teve 214, nesta edição ampliou a presença para 357; e as chinchilas, que saltaram de 25 para 33 animais inscritos em 2015.

Em contrapartida, bovinos de corte, mistos e de leite, bubalinos, equinos, aves e pássaros registraram redução no número de animais inscritos em relação à edição anterior da Expointer. Segundo o chefe de Exposições e Feiras da Secretaria da Agricultura (Seapa), Pablo Charão, levando-se em conta a crise financeira, já era esperado que a participação de animais diminuísse. “Por conta da alta dos custos, os produtores estavam sinalizando isto”, explica.

A redução no número de animais de argola inscritos na Expointer vem ocorrendo gradualmente nos últimos três anos – com exceção de 2012, que registrou crescimento de 4% em relação a 2011.

➤ Inscrições

Ano	inscritos	variação
2011	5.986	
2012	6.251	+ 4,4%
2013	5.625	- 10%
2014	4.932	- 12%
2015	4.758	- 3,5%



Participação dos ovinos irá aumentar neste ano, o que impediu queda maior no número de inscrições

Fórum resgata história do combate à aftosa

A retirada da vacinação contra febre aftosa e os 50 anos de combate à doença no Rio Grande do Sul serão o tema central do 4º Fórum Internacional de Responsabilidade Técnica e Sanidade na Produção Animal, que ocorre quinta-feira, dia 3 de setembro, durante a Expointer. A última vez que o Estado registrou caso de aftosa foi em 2001, em Livramento e Rio Grande. O debate será das 14h às 17h30, no auditório da Federacite.

O vice-presidente do Conselho Regional de Medicina Veterinária do Rio Grande do Sul (CRMV-RS), José Arthur Martins, recorda que em 1965, época em que eram registradas centenas de focos, o Rio Grande do Sul realizou a primeira campanha de combate à doença do Brasil. De lá para cá, além da imunização do rebanho, foram organizados sistemas de informação em vigilância sanitária, redes de laboratórios e orientações ao produtor. “Hoje, temos uma situação epidemiológica bastante positiva, tanto que já existe a dis-

cussão sobre a retirada da vacina”, destaca.

Entre os convidados para o encontro está o veterinário José Fernando Dora, servidor aposentado da Secretaria da Agricultura (Seapa), que trabalhou no início da campanha. Ele foi o coordenador do programa de erradicação da febre aftosa na Bacia do Prata e atuou no Centro Panamericano da Febre Aftosa. No evento, vai traçar o histórico da doença e seu combate no Rio Grande do Sul. O fiscal federal agropecuário do Laboratório Nacional Agropecuário (Lanagro-RS), Diego Viali dos Santos, apresentará painel sobre epidemiologia.

A visão do serviço oficial na atualidade será apresentada pelo diretor do Departamento de Defesa Agropecuária da Seapa, Fernando Groff. Ele recorda que o Programa de Combate à Febre Aftosa no Rio Grande do Sul começou a ser pensado em 1963 e destaca que o Estado foi pioneiro na vacinação, implantando a medida há 50 anos, primeira-

mente, na Fronteira Sul. Um dos primeiros municípios que teve o rebanho imunizado foi Santana do Livramento, onde na época já havia estrutura de pecuária comercial.

O presidente do Sindicato Nacional das Indústrias de Produtos para Saúde Animal (Sindsan), Emilio Salani, falará sobre o papel da vacinação no combate à aftosa, enquanto o presidente da Associação Brasileira das Indústrias Exportadoras de Carne (Abiec), Antônio Jorge Camardelli, vai apresentar o olhar da indústria sobre os impactos da febre aftosa e da vacinação para o mercado de carnes.

A presença internacional ficará por conta do ex-ministro da Agricultura do Uruguai e ex-presidente do Instituto Nacional da Carne do país vizinho, Roberto Vazquez Platero. Ele vai apresentar o caso do Uruguai que, mesmo vacinando, consegue alcançar mercados mais exigentes, como Estados Unidos. O presidente da Sociedade de Veterinária do Rio Grande do Sul (So-

vergs), Ricardo Bohrer, destaca que a ideia é promover uma discussão que mostre a visão de diferentes segmentos.

A discussão ocorre em meio à meta para a erradicação da doença no país e a pressão de alguns setores para suspender a vacinação de olho em mercados mais remuneradores. Em abril deste ano, o Paraná sinalizou a possibilidade de retirada da vacina em 2016. No início de junho, a ministra da Agricultura, Kátia Abreu, anunciou que a expectativa é que o Brasil seja área livre de aftosa sem vacinação reconhecida pela Organização Mundial da Saúde Animal (OIE) até 2025.

O secretário da Agricultura, Ernani Polo, já se mostrou favorável. Ele acredita que seja possível alcançar o status de estado livre de aftosa sem vacinação em, no máximo, cinco anos. A Farsul, por sua vez, é contrária à medida devido à falta de segurança sanitária, principalmente nas fronteiras.

➤ Mormo preocupa

■ A retirada da vacina contra aftosa seria o tema central dos debates sobre sanidade durante a Expointer. Mas com o surgimento do mormo no Estado, as atenções e preocupações voltaram-se momentaneamente aos equinos. Superado o momento de apreensão, após a confirmação de caso da doença, em Rolante, no início de junho, é hora de focar na prevenção. “Após uma discussão pré-Expointer, a feira fará com que as informações fiquem mais homogêneas”, afirma o diretor do Departamento de Defesa Agropecuária da Secretaria da Agricultura, Fernando Groff. A realização dos exames exigidos para a emissão da Guia de Trânsito Animal (GTA), entre eles o teste de mormo, é uma das medidas que garantem a sanidade dos cavalos.

Abigeato é tema de audiência

O combate ao abigeato será tema de audiência pública que ocorre terça-feira, 1º de setembro, durante a Expointer. O encontro será das 10h às 12h, no auditório da Farsul, no Parque de Exposições Assis Brasil, em Esteio. Estará em debate o projeto de lei (PL) 6999/2013, que dobra a pena para os crimes de abigeato, receptação, abate e comércio de carne clandestina. Devem participar do debate representantes da Confederação Nacional da Agricultura, Ministério da Agricultura, secretarias estaduais de Segurança e Agricultura, Abiec, Farsul, Sicadergs, Famurs e sindicatos rurais.

Autor da proposta, o deputado federal Afonso Hamm comenta que o projeto visa reprimir o abigeato devido aos malefícios que a carne furta da pode causar à produção, à ordem tributária e à saúde pública. “Esse tipo de crime tem gerado muitos prejuízos aos produtores. Também gera impactos negativos em toda a sociedade, sobretudo por estar na origem de muitas violações à segurança e à saúde pública”, salienta. A proposta, já aprovada na Comissão de Constituição e Justiça, torna a legislação mais rígida e dobra a pena, com reclusão de dois a oito anos sem direito à fiança.

Domingo no Correio do Povo: caderno especial sobre animais na Expointer



Debate ocorre em um momento em que o Rio Grande do Sul discute a possibilidade de retirada da vacinação